

## APRESENTAÇÃO

Alexander Meireles da Silva (UFG-Catalão)

Fernando Monteiro de Barros (UERJ-FFP)

Júlio França (UERJ)

O ano de 2019 marca os dois séculos de existência do conto “*The Vampyre*”, considerado o texto que inaugura a presença do vampiro na prosa de ficção ocidental. Seu autor, o inglês John Polidori (1795-1821), teria se baseado em um fragmento que o célebre poeta Lord Byron (1788-1824) escrevera na muito decantada noite de Junho de 1816 às margens do Lago Genebra, na Suíça, na companhia do poeta Percy Shelley (1792-1822) e de sua companheira, futura esposa, Mary Shelley (1797-1851). Ao ser publicado em Abril de 1819 na *New Monthly Magazine* o conto foi erroneamente atribuído a Byron, que, logo em seguida, publicou seu “*Fragment of a novel*” para desfazer o equívoco. Em todo caso, o bardo inglês parece ter servido de inspiração para Polidori, que constrói o seu vampiro – Lord Ruthven – à sua semelhança, em uma espécie de *roman à clef*, dentro da linhagem dos homens fatais românticos: belos, misteriosos, sinistros, cruéis e pertencentes à aristocracia. O vampiro das lendas do folclore da Europa Central era uma criatura feia, grotesca e repulsiva, que saía de sua tumba para sugar o sangue dos membros de sua própria família. Já o vampiro cunhado por Polidori inaugura o arquétipo sedutor e sexualizado que será uma das principais marcas deste personagem daí em diante, como atesta Drácula, seu representante mais notório.

Volátil, entretanto, o personagem se desdobra em inúmeras metamorfoses, variações do mesmo tema, nas narrativas literárias, e posteriormente cinematográficas e televisivas, desde sua primeira aparição na segunda década do século XIX. Polissêmico e paradoxal, o vampiro desliza por várias metáforas e conjuga vários hibridismos. As fronteiras do sexo e da morte são por ele rompidas; é filho da modernidade, que assombra ao trazer em si as configurações arcaicas da natureza e da história; transita igualmente pela alta cultura e pela cultura de massa; pode comparecer ligado tanto ao sublime quanto ao grotesco; pode ser um dândi *flâneur* bem como um monstro enclausurado, e pode encarnar tanto a metáfora erótica quanto a metáfora política. Nesses duzentos anos da presença do vampiro na prosa de ficção ocidental, a revista *Abusões*, neste dossiê, apresenta artigos que tratam deste personagem em suas mais diversas configurações e aparições, seja na literatura, no cinema, nos quadrinhos, no cinema ou nos seriados televisivos e online.

Em “A besta dentro de cada um: metamorfoses do vampiro na literatura brasileira”, Pedro Sasse aponta como o vampiro, no imaginário vitoriano horrorizado com as teorias de Darwin, torna-se emblema de uma espécie de horror biológico, metaforizando a animalidade violenta dentro de cada ser humano – animalidade esta também representada pelo *serial killer* famoso da Londres finissecular: Jack, o Estripador. Esta mesma ansiedade relacionada ao criminoso sanguinário tem na literatura brasileira a sua corporificação na figura do predador urbano, presente em narrativas de João do Rio, Lúcio Cardoso e Dalton Trevisan, com vários signos que remetem ao caráter assassino do Conde Drácula.

Jennifer da Silva Gramiani Celeste e Juliana Gervason Defilippo exploram o universo dos *best-sellers* de vampiros voltados para o público adolescente e sua adaptação para o cinema, remetendo à relação estreita do personagem com a cultura de massa (que vem desde a década de 1820 com o estrondoso sucesso comercial do conto de Polidori adaptado para o teatro por Charles Nodier, na França), e elegem a saga *Crepúsculo* como foco de seu artigo “Deu *imprinting*: vampiros, literatura best-seller e convergência das mídias a partir do fenômeno juvenil *The Twilight Saga*”.

Em “Ambiguidades do vampiro na literatura oitocentista”, Juliana de Souza Topan argumenta que os traços de humanidade que têm sido constantes nas representações do vampiro desde o romance de Anne Rice de 1976 – e que, segundo David Roas, vêm acarretando em um processo crescente de domesticação do monstro – já podiam ser identificados em textos do século XIX sobre o personagem, como a balada “Christabel”, de Samuel Taylor Coleridge, e a novela *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu.

Questões do âmbito da estética pós-moderna são abordadas em “Jacques Chessex: o escritor-vampiro de Ropraz”, artigo no qual Ana Amélia Gonçalves da Costa explora as relações entre ficção e realidade, a partir da figura do vampiro como metáfora do resgate da história através da ironia e da paródia.

Marina Pereira Penteado propõe em “Mulheres monstruosas: o ctônico e o selvagem em *Carmilla*, de Le Fanu” uma investigação acerca das representações sombrias e demoníacas do feminino, em sua imemorial identificação com a violência da natureza. A vampira da novela de Sheridan Le Fanu é tão mais aterrorizante por sua

homossexualidade, assim também como na balada “Christabel”, de Samuel Taylor Coleridge.

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro traz o mito do vampiro para a literatura brasileira no artigo “Vampiras do sertão no conto ‘As morféticas’, de Bernardo Élis, através da ligação deste personagem com a morte e com o arquétipo do feminino cruel. O artigo explora as relações do mito com o grotesco e demonstra como tal mito se espraia muito além do contexto europeu original.

Ana Paula Araújo dos Santos explora o potencial simbólico do personagem do vampiro, ausente de forma literal na produção literária brasileira do século XIX, no artigo “O vampiro como metáfora na literatura brasileira oitocentista”, no qual a autora discorre sobre como, em tal contexto, o vampiro acaba por representar morte, doenças e maldades. Os contos “A esteireira”, de Afonso Arinos, e “Noites brancas”, de Gastão Cruls, bem como o romance *A mortalha de Alzira*, de Aluísio Azevedo, constituem o *corpus* de análise do artigo.

A disseminação da palavra *vampiro* na Europa, a partir dos relatos do padre italiano Giuseppe Davanzati redigidos em 1739 é o mote do artigo “O fenômeno do vampirismo: Giuseppe Davanzati e a introdução do vampiro na Europa ocidental (1739-1774)”, no qual o autor, Gabriel Elysio Maia Braga, explora o famoso “surto” de vampirismo que pareceu assolar a Europa oriental em meados do Século das Luzes, veiculado por notícias de viajantes ocidentais na região, que deram origem não só ao estudo do padre Davazanti como também ao célebre tratado do monge beneditino Calmet, de 1751.

O vampiro enquanto metáfora erótica do desejo enclausurado e interdito é o tema do artigo de Fernando Monteiro de Barros e Leonardo Ramos Botelho Gomes, “Vampirismo e clausura do desejo em *O desconhecido e Angélica*, de Lúcio Cardoso”, que também atesta a presença da dimensão simbólica do mito na literatura brasileira.

“‘Let them dream of life eternal, we shall live it’: George R. R. Martin’s *Fevre dream*, slavery and vampires in the United States of America”, de Arthur Maia Baby Gomes e Cláudio Vescia Zanini, aborda o tema do vampirismo usado como crítica social em relação ao período escravocrata no sul dos Estados Unidos, dentro da tendência pós-moderna do romance histórico, que, aqui, conjugado ao pendor pelo simulacro desta tendência, é apresentado com forte presença do horror gótico.

“Two-hundred faces of a vampire: Lord Ruthven’s influence on vampire culture”, de Alexander Meireles da Silva e Francisco Javier Sánchez-Verdejo Pérez, presta tributo à efeméride deste dossiê, os duzentos anos da publicação de *The Vampyre*, de John Polidori, e sua vasta descendência literária ao longo dos séculos XIX e XX.

Além dos artigos de temáticas e abordagens variadas, o dossiê traz ainda duas entrevistas. A primeira da escritora Giulia Moon, criadora da vampira japonesa Kaori, da trilogia homônima – *Kaori: Perfume de Vampira* (Giz Editorial, 2009), *Kaori 2: Coração de Vampira* (Giz Editorial, 2011) e *Kaori e o Samurai Sem Braço* (2012). Moon é um dos principais nomes da literatura nacional de vampiros, e, na entrevista, ela fala sobre os desafios de se trabalhar com a tradição do vampiro no contexto do século vinte e um, entre outros temas. A segunda entrevista é com o livreiro e editor Cid

Vale Ferreira, organizador de uma obra seminal para os estudos de literatura vampírica no Brasil, *Voivode: Estudos sobre os vampiros* (2003). Atualmente à frente da Clepsidra, uma editora independente focada na publicação de obras clássicas do Gótico, do Romantismo e da Decadência, Cid respondeu a perguntas sobre a importância do texto de Polidori e sobre seus novos projetos editoriais, como o lançamento da tradução do folhetim *Varney, the Vampire*.

Estamos convencidos de que os artigos que compõem o dossiê desse nono número da Revista Abusões reafirmam a perenidade e a difusão do vampiro na arte, uma personagem que, por séculos, erra pelas fronteiras entre a ficção e o mito, e que parece ser incessantemente capaz de encarnar, em suas múltiplas figurações ao longo da história, um amplo espectro de desejos e ansiedades do ser humano.

Os organizadores